



As Ações Psicológicas e os Teóricos da Guerra*

Ronaldo Paz do Nascimento**

Matéria extraída de monografia elaborada pelo autor, como exigência curricular para a obtenção de diploma da Escola de Comando e Estado-Maior do Exército (ECEME). Apresenta um estudo comparativo do uso das ações psicológicas desde Sun-Tzu até nossos dias.

Os recentes acontecimentos ocorridos na história das nações redimensionaram o sistema político internacional. Sob o enfoque sistêmico, entre outros, ele apresenta hoje as seguintes características: existência de um sistema multipolar com uma potência mundial completa e várias potências continentais incompletas; crescente vulnerabilidade dos Estados a interferências externas; acentuada diferença entre as nações desenvolvidas e as demais; hetero-

geneidade dos países e complexidade no seu relacionamento.

Os cientistas políticos de todos os matizes ideológicos têm voltado sua atenção para obter procedimentos políticos, com suas respectivas estratégias em todos os campos do poder, para fazer frente a essas novas características. Instados a pensar, de uma maneira quase unânime, reconhecem que o campo do poder onde podem encontrar elementos para fortalecer e garantir a nação, quanto aos óbices a ela apresentados, é o campo psicossocial. Argumentam eles que nessa área os resultados são de baixo custo econômico, perduram ao longo de gerações e

**** Major de Cavalaria QEMA.**

* Selecionado pelo PADECEME.

contribuem para o fortalecimento dos outros campos do poder nacional.

Definido está, então, o **onde** atuar. Resta orientar o **como** fazer. Esse segundo questionamento quer traduzir de que modo devemos proceder para atingir, positivamente, o psicossocial da nação. Nesse contexto é que surge a ciência humana da História que, nas mãos de bons entendedores, é um potente instrumento de orientação. Não sejamos crédulos a imaginar que a mera cópia de fatos passados resolvem situações onde condicionantes humanas, geográficas e tecnológicas não se repetem, mas tenhamos a certeza de que a análise e compreensão desses mesmos fatos são a base com que os homens, ao longo de sua existência, resolvem seus problemas atuais. É daí, da História, que é possível emergir uma maneira de responder o **como fazer** desse problema.

Entretanto os dois aspectos, psicossocial e histórico, possuem vasta amplitude comportamental e temporal, para que possamos conjugá-los de maneira global. É levando em conta esse particular que o foco racional deste

trabalho irá ater-se a dois componentes. Do campo psicossocial, às **ações psicológicas** e da História, os **teóricos da guerra**.

Através dessa junção é que este artigo irá se conduzir, procurando notar semelhanças e discrepâncias entre aqueles que argutamente escreveram sobre a arte da guerra para, com isso, obter, mesmo que de maneira pálida, uma resposta à pergunta: **são válidas e importantes as ações psicológicas?**

PREMISSAS E CONCEITOS

Operações psicológicas são "ações políticas, econômicas, psicossociais e militares destinadas a criar, em grupos inimigos hostis, neutros ou amigos, emoções, atitudes ou comportamentos favoráveis à consecução de objetivos específicos". Estão divididas em duas categorias: **ações psicológicas** e **guerra psicológica**.

No quadro abaixo, visando a entender melhor o objeto de nosso estudo, comparamos essas categorias.

Diferenças	Público-Alvo ¹ a ser Atingido	O que devem gerar	Finalidade quanto ao Público-Alvo Amigo ou Hostil	Finalidade Quanto ao Público-Alvo Neutro	Caráter
Operações Psicológicas					
Ações Psicológicas	Amigo ou Aliado e o Neutro	Emoções Atitudes	Fortalecer o Moral ²	Influenciar Favoravelmente Quanto aos Nossos Objetivos	construtivo
Guerra Psicológica	Hostil ou Inimigo e o Neutro	Comportamento	Combater seu Ânimo e Destruir seu Moral, ou Levá-los à Rendição	Influenciar Contra os Objetivos do Inimigo	Destrutivo

1. Público-alvo: é o público do qual se pretende obter um comportamento desejado por meio das operações psicológicas, podendo ser dividido, segundo o critério da identificação, em: • Amigo ou aliado: aquele cujos objetivos são semelhantes aos nossos; • Hostil ou inimigo: aquele cujos objetivos são contrários aos nossos; • Neutros: aquele (grupos de indivíduos ou organizações) não incluído nas duas categorias anteriores.

2. Moral militar: estado de espírito de um indivíduo ou organização militar resultante de seus pensamentos, opiniões e idéias, capaz de influenciar sua vontade de cumprir o dever e de cooperar na consecução dos propósitos do grupo ao qual pertence.

Dentre as inúmeras técnicas de abordagem psicológica e de propaganda, podemos levantar como mais produtivas, para as ações psicológicas, as que abaixo seguem:

- **comunicação social** — de maneira geral, é a ampla difusão de idéias favoráveis aos nossos objetivos específicos, ligando-os aos valores fundamentais do público-alvo (pátria, religião, família, etc.);

- **relações públicas** — atividades dentro do contexto da comunicação social, cujo objetivo é esclarecer e informar ao público-alvo os objetivos específicos por nós desejados;

- **ação comunitária** — apesar de ter objetivos, geralmente mais amplos do que a pura ação psicológica, a ação comunitária, na forma de ACISO,³ apresenta ótimos resultados quanto à finalidade desejada pelas ações psicológicas;

- **empreendimentos governamentais** — aqueles que, desvinculados da demagogia e respondendo a necessidades básicas do público-alvo, produzem efeitos psicológicos favoráveis, reais e duradouros;

- **ação de presença** — que nada mais é do que a presença física do comandante militar, ou a presença de tropas junto ao público-alvo. É, notadamente, o tipo de ação psicológica mais destacada pelos escritores militares, pois a presença do chefe é a que mais atua sobre o moral militar.

TEÓRICOS DA GUERRA

O vocábulo **teórico**, oriundo do grego *theorikos*, é definido como aquele que reconhece os princípios, a teoria de uma **arte**

(sublinha nossa). A palavra guerra, do germânico ocidental *werra*, substituta do vocábulo latino *bellum* quer dizer luta armada entre nações, ou, ainda, a **arte militar** (sublinha nossa). Portanto, podemos concluir que **teórico da guerra** é aquele indivíduo que reconhece os princípios da arte militar.

Em quase todos os conflitos humanos, alguém, de maneira racional, às vezes religiosa ou filosófica, compara, analisa, ordena e critica os acontecimentos, procurando auferir correlações e conhecimentos que, posteriormente, possam ser aplicados — este é o **teórico**.

Alguns entre eles, talvez devido à própria inteligência ou à pertinácia ao trabalho de estudar a **arte da guerra**, obtiveram notoriedade, pois suas conclusões e ensinamentos foram capazes de vencer a barreira do momento histórico e as peculiaridades geográficas, para tornarem-se quase que “leis” a serem aplicadas nos conflitos futuros.

Levando-se em conta a quase geometrificação da **arte da guerra**, todos os **teóricos**, sem exceção, em menor ou maior grau, admitem que, por ser atividade humana e fenômeno social, a guerra, intrinsecamente, carrega fatores que não podem ser quantificados, quando muito percebidos. São os chamados fatores morais que, apesar de não serem mensuráveis em valores absolutos, podem ser aumentados e diminuídos. Esta “janela” deixada pelos teóricos é o campo das ações psicológicas. Elas são fruto de uma análise acurada dos chamados fatores morais.

Seria de máxima pretensão dizer que este artigo irá analisar o pensamento ou o escrito de todos os teóricos. Escolhemos aqueles que talvez sejam os mais conhecidos e, de maneira direta ou indireta, tenham, ao longo de nossa

3. Ação Cívica Social (ACISO) — conjunto de atividades desenvolvidas, normalmente em caráter temporário, com a finalidade de auxiliar as comunidades na solução de seus problemas mais prementes, desenvolvendo o espírito cívico e comunitário dos cidadãos.

formação histórico-militar, exercido maior influência no modo de "pensar a guerra".

Os autores escolhidos podem ser divididos em duas categorias distintas: os teóricos propriamente ditos, isto é, aqueles cujos escritos são voltados para a arte militar; e aqueles que escreveram sobre vários assuntos e, entre eles, assuntos militares.

Com a idéia de tornar fácil a compreensão do tempo histórico, iremos citar, a seguir, alguns dados biográficos, dos autores escolhidos.

Sun-Tzu — com este nome conhecemos o autor do mais antigo clássico militar *A Arte da Guerra*. Ele, provavelmente, teria vivido na época dos "Reinos Combatentes" e sido comandante do exército do rei Holu, do Estado de Wu, no centro-leste da China. **Zhuge-Liang**, funcionário do reino de Han (época dos "Três Reinos"), nascido por volta de 180 d.C., comentou Sun-Tzu especialmente sobre a ótica da liderança e organização. **Liu Ji**, que trabalhou para o fundador da dinastia Ming, poeta e escritor, nascido em 1311, comentou também a obra do mestre, principalmente no tocante à estratégia.

Nicolau Maquiavel, florentino, nascido em 1469, passou à História como renomado escritor de Ciências Políticas. É autor, entre outras, das obras *O Príncipe* e *Comentários sobre a Primeira Década de Tito Lívio*.

Frederico II, "O Grande", rei prussiano, é considerado por muitos o criador do Estado alemão. Escreveu várias obras sobre a arte da guerra durante o seu reinado de mais de quarenta anos.

Carl Von Clausewitz, militar prussiano, nascido em 1780, participou das campanhas napoleônicas. É o autor do mais famoso

compêndio ocidental sobre a arte militar: *Vom Kriege — Da Guerra*.

Antoine Henri Jomini, suíço, serviu como oficial no estado-maior de Napoleão. Posteriormente, foi comissionado general da Rússia. Escreveu vários livros, entre eles o conhecido *Epítome da Arte da Guerra*.

Basil Henry Liddell Hart, escritor militar inglês de fama internacional. Autor de várias obras famosas, é considerado um dos precursores da moderna técnica de emprego de blindados.

John Frederick Charles Fuller, inglês, atingiu o posto de major-general. Foi chefe do estado-maior do Corpo Blindado Inglês, na Primeira Guerra Mundial (1ª GM). É autor de mais de trinta obras sobre história e arte de guerra.

Vo Nguyen Giap, advogado, professor de História, ministro da defesa do Vietnã, responsável pela vitória sobre os franceses em Dien Bien Phu, em 1954.

Humberto de Alencar Castello Branco, marechal do Exército Brasileiro, combateu na Itália durante a Segunda Guerra Mundial (2ª GM) e comandou a Escola de Estado-Maior do Exército. Brillante pensador, chegou à presidência da República, no seio da Revolução Democrática de 1964.

Sob o título "Quanto à Memória de Outros Capitães", pretendemos explorar três eminentes generais, cujas memórias são, sem dúvida, experiências a serem absorvidas:

Ludendorff, marechal-de-campo alemão, chefe do estado-maior na Frente Oriental, entre 1914 e 1916, chefe do estado-maior geral alemão, daí até o fim da guerra, eminência parda do Marechal Von Hindenburg, presidente da República de Weimar.

Bernard Law Montgomery, Visconde de El Alamein, comandante do VIII Exército britânico, na 2ª GM. Para alguns, o maior

herói inglês, desde o vencedor de Napoleão, Wellington.

George S. Patton Jr., oficial da Cavalaria americana, participou da Guerra do México e da 1ª GM. Consagrou-se como comandante de blindados nos teatros da África Setentrional, Sicília e da Europa Continental, durante a 2ª GM.

Nesses teóricos, escritores políticos e cabos de guerra, pretendemos exemplificar, para fins de comparação científica, visões no concernente ao "psicológico" de qualquer conflito.

A VISÃO PARTICULAR DOS AUTORES

Sun Tzu e seus comentaristas

No início de sua obra, Sun Tzu afirma que a guerra é regulada por cinco fatores constantes, que devem ser levados em conta: a **Lei Moral**, o **Céu**, a **Terra**, o **Comandante** e a **Doutrina** (sublinha nossa).

Ele explica que a **Lei Moral** leva o povo a ficar em completo acordo com seu governante, de maneira a segui-lo, sem temer pela vida, sem se intimidar com qualquer perigo. Diz o mesmo, ainda, que, para decidir, deveríamos responder a algumas perguntas; entre elas, "qual dos dois soberanos está impregnado pela Lei Moral?" Dessas colocações, respeitando o estilo, muitas vezes metafórico, dos escritos chineses, podemos verificar que o grande pensador destacava a necessidade da existência de valores e procedimentos que respondessem, de maneira afirmativa, à sua pergunta. Ao explicar em que consiste sua **Lei Moral**, Sun-Tzu sugere que ela serve para obter completo acordo de

sentimentos. É possível perceber, portanto, que, hoje, nada mais seriam que técnicas de ações psicológicas.

Para Sun-Tzu e seus comentaristas, o comandante representa as virtudes da sabedoria, justiça, benevolência, coragem e austeridade.

Nos Capítulos 9, 10 e 11 de sua obra, o mesmo tece mais alguns comentários sobre o comandante e seu relacionamento com a tropa, os quais são abaixo transcritos:

"Considere seus soldados como filhos, e eles o seguirão aonde quer que você vá. Encare-os como seus filhos queridos, e eles estarão prontos a morrer por você.

"Se, entretanto, você for indulgente, mas incapaz de valer sua autoridade; bondoso, mas impotente para fazer cumprir suas ordens; e, mais ainda, incapaz de dominar a desordem, então seus soldados poderão ser comparados a crianças-problema. Serão inúteis para qualquer fim prático.

"Se os soldados forem punidos antes de se afeioarem a você, eles não se tornarão obedientes; e, a menos que sejam obedientes, também serão praticamente inúteis.

"Se, entretanto, após os soldados se afeioarem a você, não se aplicar punições, ainda assim eles serão inúteis. Portanto, os subordinados devem ser tratados, sobretudo, com humildade, mas mantidos sob controle por disciplina férrea. Comande-os com cortesia e inflame-os do mesmo ardor guerreiro. Esse é um dos caminhos certos para a vitória."

O comentarista de Sun-Tzu, **Zhuge Liang**, que se preocupou, em participar, com os problemas de liderança, afirma, em sua obra "...os generais não declaram estar com sede, antes de os soldados tirarem água do poço. Os generais não declaram estar com

frio, antes de serem acesas as fogueiras dos soldados. Os generais não declaram estar com calor, antes de serem estendidas as coberturas dos soldados. Os generais não usam leques no verão, nem couro no inverno, nem guarda-chuva quando chove. Comportam-se como todo o mundo”.

Liu Jí, outro comentarista de Sun-Tzu, foi muito feliz ao estabelecer uma regra para o comandante obter sucesso. Diz ele: “um bom equilíbrio é impor respeito, mas, ao mesmo tempo, importar-se com os subordinados”.

Em todas essas citações, constatamos a cabal importância do comandante, no tocante à manutenção do moral da tropa e nos resultados da vitória militar propriamente dita, nas máximas que procuram ser de fácil compreensão e rápida absorção mental, notamos também a necessidade da “presença” do chefe militar junto a seus comandantes, clarificando-se assim a ação psicológica via “ação de presença — presença do chefe”.

Sun-Tzu, e seus comentaristas também, mesmo que de maneira sutil, externa suas proposições quanto a outros aspectos das **ações psicológicas**. Senão vejamos: “Os soldados aprisionados devem ser tratados com benevolência. A isso se chama usar o adversário conquistado para aumentar as próprias forças.” Aparece aqui o uso das **ações psicológicas** nos públicos-alvos, prisioneiros de guerra e civis internados.

“Em termos de convergência, alie-se aos Estados vizinhos”, eis, portanto, o público-alvo neutro que também é preocupação constante das ações psicológicas.

As obras de Sun-Tzu e de seus comentaristas possuem como fundo filosófico as doutrinas taoísta⁴ e confucionista;⁵ portanto, impregnadas de um sentimento de justiça, bem-estar social, procurando harmonizar o indivíduo com sua sociedade, mesmo nas situações de conflito desta para com o indivíduo, ou desta para com outra sociedade. Logo, podemos afirmar que, apesar de sugerir as ações psicológicas de maneira metafórica, ou até mesmo nas entrelinhas, Sun-Tzu as considerava como essenciais àquilo que seria a suprema virtude — “...esta consiste em quebrar a resistência do inimigo sem combater”.

Nicolau Maquiavel

Apesar de viver em tempo histórico e territorial onde a unidade nacional era algo pouco palpável, Maquiavel deixa evidente sua preocupação com esse aspecto no capítulo quadragésimo terceiro, do primeiro livro de seu *Discorsi*,⁶ ao dizer: “O exército que não tem pela causa por que deve combater uma afeição que transforme cada soldado num partidário entusiasta, tampouco terá coragem para resistir a um inimigo que

4. Taoísmo — ensinamento filosófico-religioso desenvolvido principalmente por Lao-Tse (séc. VI a.C.) e Tchuang-Tse (séc. IV a.C.) filósofos chineses, cuja noção fundamental é o tal caminho, que procura harmonizar as forças positivas e negativas do ser humano.

5. Confucionismo — doutrina ética e política de Confúcio, filósofo chinês. Caracteriza-se por situar o homem e a experiência social e política da humanidade no centro da investigação, daí resultando a definição das relações humanas individuais em função das instituições sociais, principalmente da família e do estado.

6. *Discorsi* — nome com que ficou conhecida a obra de Maquiavel. Comentário sobre a primeira década de Tito Lívio.

demonstre a maior bravura. E como este vínculo de devoção só pode existir entre um país e seus cidadãos, é necessário para governar e manter um Estado — seja republicano ou monárquico — armar o povo, como o fizeram todos aqueles cujos exércitos realizaram conquistas importantes.” (sublinha nossa)

No discorrer de sua obra, Maquiavel, a despeito da fama que lhe coube na História, propugna por instituições fortes e benfazejas ao povo, citando, inclusive, a religião como fator de unidade e estabilidade ao relembrar o Império Romano.

Com base nas citações de afeição e entusiasmo do soldado e no vínculo de devoção entre um país e seus cidadãos, podemos afirmar que ele sugere a tradução da expressão “armar o povo” como uma ação psicológica enquadrada nas técnicas conhecidas.

No capítulo trigésimo terceiro, do terceiro livro da mesma obra, ele escreve: “*É indispensável que o general goze de estima geral, e que o exército confie na sua prudência. Os soldados sempre confiarão no comandante amigo, disciplinado, solícito e corajoso, e que sustente, com dignidade, sua posição de comando...*” E diz mais: “*...como nenhum general pode estar ao mesmo tempo em todos os lugares onde se combate, se não transmitir aos soldados o seu espírito, de modo que conheçam suas instruções e o seu modo de se conduzir, será levado à derrota*”.

Nessas passagens, evidenciamos a clara visão que Maquiavel fazia da figura do comandante e da maneira com que o mesmo tem que proceder para obter o sucesso. Ao afirmar que os soldados devem conhecer o “espírito do chefe”, está a nos ressaltar a

importância da **ação psicológica** consubstanciada na **ação presença do comandante**.

Não sendo um escritor propriamente “militar”, Maquiavel, a despeito da relação espaço-tempo em que viveu, notou de maneira clara, a necessidade de uma ação contínua sobre o **caráter nacional**, visando a obter a homogeneidade de pensamento, bem como reconheceu a importância das instituições militares sólidas, apoiadas na nação e com os mesmos objetivos. Nota-se ainda sua preocupação de como o **comandante** devia proceder, demonstrando como o mesmo deve utilizar-se da **ação de presença**.

Frederico, o Grande, o seu pensamento

O rei prussiano explicita sua idéia quanto ao moral e ao cidadão já em seu poema de seis cantos, “Arte da Guerra”, quando diz no canto terceiro:

*“Não vedes o Moral de aspecto Augusto
Que do átrio expulsando os vaidosos,
Aos guerreiros com tom de voz severa
Os deveres sagrados da honra, brio
Austero, inculta, ensina, persuade?
A fereza condena a vil cobiça
E no seio da bárbara carnagem.
Grita em favor da triste humanidade
Nas mãos sufoca as víboras de inveja,
E manda só desperdiçar a vida
Pela glória da Pátria e bem do Estado.”*
(sublinha nossa)

Nesse pequeno trecho do poema escrito por Frederico, podemos constatar que, para ele, moral, pátria e guerreiros são três elementos intimamente associados.

A idéia de que o “soldado” irá comportar-se segundo as necessidades do Estado volta a aparecer, logo que, em sua obra *Os Princípios Gerais da Guerra*, ele nos fala do procedimento quando a guerra for no próprio país (no caso a Prússia), dizendo “...*todo o camponês torna-se soldado e serve contra ele... (o inimigo)*”.

No mesmo capítulo acima referenciado, Frederico diz: “*Se a guerra se faz em país neutro, a vantagem parece a mesma para os dois partidos, mas será maior para o que conquistar a amizade e a simpatia dos habitantes. Mantém-se, por isto, uma severa disciplina, proíbe-se a pilhagem e o sangue, que se punem severamente. Atribuem-se ao inimigo as mais sinistras intenções.*”

E prossegue, citando exemplos de como devemos explorar as crenças e valores dos neutros, procurando com isto angariar simpatias e favorecer nosso esforço de guerra. Nessas afirmações aparecem, na obra de Frederico, o entendimento e a necessidade da execução e ações psicológicas, neste caso diretamente dirigida ao público-alvo neutro.

O filho do “Rei Sargento”, impregnado pela mentalidade prussiana, ao discorrer sobre os talentos que o general deve ter, diz: “*Suponho, em primeiro lugar, que ele seja um homem honesto e bom cidadão sem o que a sua habilidade e arte de guerra é mais perniciosa que útil.*”

E continua falando quanto ao proceder com seus soldados: “*A amenidade e a severidade com o soldado se exercem alternadamente. É preciso que o general seja popular, que fale aos soldados, seja quando passa por suas barracas ou no decorrer da marcha. Vê-se, de quando em vez, se a marmita vai bem, indaga-se de suas pequenas necessidades e faz-se o possível*

para aliviá-las ou poupá-los de fadigas inúteis. Usa-se, no entanto, do maior rigor da lei, quando é necessário, contra o que se amotina, o que resmungo, o ladrão e faz-se, quando é necessário para punir exemplarmente o desertor.”

Pelo transcrito, é patente a importância que Frederico dava à “presença do chefe” como emulador do moral e da disciplina.

Nos escritos desse grande capitão nota-se a preocupação com os neutros e com o **comandante**. Entretanto é preciso estabelecer uma correlação para encontrar sua atenção ao “nacional”. Isso é facilmente explicável, se percebermos que o mesmo escreveu para seus oficiais e soldados, e que estes já pertenciam a uma nação coesa e com forte identidade nacional, a Prússia. Portanto, não via ele motivo de exaltar o que já possuía.

O pensamento de Clausewitz

Logo no início de sua obra, o brilhante pensador prussiano (Cap. I, livro I, vol. I) coloca-nos frente ao que chama de “**trindade da guerra**”. “*...A violência original de seu elemento, o ódio e a animosidade que é preciso considerar como um cego impulso natural, depois o jogo das probabilidades e do acaso que fazem dela uma livre atividade da alma, e, finalmente, a sua natureza subordinada de instrumento da política por via da qual ela pertence à razão pura.*”

“*O primeiro desses três aspectos interessa particularmente ao povo; o segundo, ao comandante e ao seu exercício, e o terceiro releva sobretudo do governo.*” (Sublinha nossa.)

O acima escrito pode ser simplificado e modernizado, dizendo-se que a trindade da

guerra é composta por **vontade nacional**, **forças armadas** e **política** (af contida a idéia de governo).

Portanto, se a **vontade nacional** é um aspecto volitivo, por dependente da motivação, ele é o componente psicológico da trindade mencionada.

Clausewitz afirma que a guerra é subordinada ao seu terceiro elemento — a **política**. Logo, podemos dizer que esta sobrepuja e condiciona o primeiro elemento — a **violência** (o ódio e a animosidade). Ora, se isso é verdade pode, então, a **política** orientar o ódio e a animosidade. Nessa orientação, surgem então, as técnicas de **ações psicológicas**.

No capítulo III do livro III do volume I, o autor ainda é mais enfático sobre a importância do moral, ao dizer textualmente: *“É o espírito que impregna toda a guerra. O espírito e outros atributos morais que animam um exército, um chefe, um governo, a opinião pública em áreas em que a guerra foi deflagrada, o efeito moral de uma vitória ou de uma derrota são causas que em si variam muito e que também (...) podem ter influências bem distintas.”* (Sublinha nossa.)

Para reforçar a importância do moral nacional, estabelece a seguinte comparação: *“...que as causas e os efeitos físicos são apenas um feixe de lenha, enquanto que as causas e os efeitos morais são o metal nobre, a verdadeira arma, a lâmina cintilante”.*

É, talvez, neste capítulo (IV do livro III do volume I) que Clausewitz tornou clara a sua percepção da importância das **ações psicológicas**, pois diz, textualmente, que os

principais poderes morais são: os **talentos do chefe de guerra**, as **virtudes guerreiras do exército** e o seu **sentimento nacional**.

Considera ele, no tempo em que escrevia sua obra, que os dois primeiros já haviam sido desenvolvidos de forma razoável e que, portanto, as novidades adviriam da compreensão e extensão do conceito de “sentimento nacional”, campo de atuação direta das **ações psicológicas**.

Ao definir a guerra como a continuação da política, Clausewitz deixa-nos bem claro que o ato de guerra é atemporal, pois deve existir antes, durante e depois do conflito propriamente dito e que, portanto, existe um fio condutor que interliga esses três momentos temporais. A essa idéia condutora podemos chamar de **política**⁷ que, em sua concepção mais simples, engloba governo e povo.

Ao mencionarmos governo e povo, estamos, de maneira indireta, referenciando as **ações psicológicas**, pois do governo emanam as atitudes que tornarão o povo e os Estados vizinhos (público-alvo neutro) conscientes dos objetivos nacionais a serem atingidos.

As idéias de Jomini

O pensador suíço, em seu *Epítome*⁸ da *Arte da Guerra*, sob o título “Política Militar — Instituições Militares”, enumera doze condições, as quais chama de essenciais, para fazer um exército perfeito:

1. ter um bom sistema de recrutamento;
2. uma boa formação;

7. Política — arte de bem governar os Povos.

8. Epítome — resumo, abreviação, compêndio, sinopse, síntese.

3. um sistema de reservas nacionais bem organizado;

4. boa instrução de combate, estado-maior e administração;

5. uma severa disciplina, mas que não seja humilhante, e um espírito de subordinação e pontualidade, baseados mais na convicção do que nas formalidades do serviço;

6. um sistema de recompensas bem estabelecido, apropriado para excitar a emulação;

7. as armas especiais de Engenharia e Artilharia bem instruídas;

8. ter um armamento superior, se possível, ao do inimigo, não somente quanto às armas defensivas como, também, às ofensivas;

9. um estado-maior geral capaz de bem utilizar esses elementos, e organizado para aperfeiçoar a instrução teórica e prática dos seus oficiais;

10. um bom sistema para os aprovisionamentos, os hospitais e a administração geral;

11. um bom sistema para organizar o comando dos exércitos e para a alta direção das operações; e

12. excitar e manter vivo o espírito militar do povo."

Nessa "tábua de lei", se assim podemos chamar as recomendações de Jomini, ressaltamos as de números 2, 5, 6, 9 e 12, por conterem de maneira implícita, com exceção da 12, que é explícita, idéias ligadas às **ações psicológicas**. Nas doze recomendações, existem, sob esta ótica, cinco onde Jomini, com o linguajar da sua época e a mentalidade filosófica vigente na Europa de então, traduz a preocupação com o aspecto volitivo e moral da nação, campos da

psicologia social onde atuam as **ações psicológicas**.

Jomini, ao fazer a distinção entre a exaltação moral de um exército e seu espírito militar, diz que o primeiro é produzido por paixões mais ou menos temporárias, tais como opiniões de natureza política ou religiosa e um grande amor pelo país, admitindo, então, a ação direta da vontade nacional sobre o moral do exército.

Ao prosseguir na diferença acima, o autor coloca que o **espírito militar** pode ser inspirado pela habilidade do comandante, por sábias instituições militares, e que deve ser objeto da atenção de todo governo providente. Continuando, diz que "os oficiais devem ter a convicção de que a resignação, a bravura e o sentimento do dever são virtudes sem as quais nenhuma glória é possível e nenhum exército é respeitável".

E para reforçar a ligação do comandante com a manutenção de um elevado espírito militar propugna "...em uma palavra excitando o seu entusiasmo por todos os meios em harmonia com a sua mentalidade, honrando a coragem, punindo a fraqueza e fazendo cair na desgraça a covardia — eis os meios de manter um elevado espírito militar".

A partir dessas afirmações é fácil perceber a importância que Jomini empresta à figura do comandante.

Nota-se, nos escritos militares do autor, o valor das **ações psicológicas**, devido à larga utilização pelo mesmo de lista de atributos, necessidades, valores, etc. o que, apesar de o colocar na categoria dos chamados "teóricos geométricos", isto é, aqueles que procuram quantificar a **arte da guerra**, como se ciência exata fosse, não invalida as proposições, facilitando, sobremaneira, o entendimento e

a percepção das necessidades psicológicas da nação durante a preparação e o desenrolar de um conflito.

As sugestões do Capitão Inglês

Basil Liddell Hart, em sua apologia a favor da estratégia indireta, configurada por exemplos em seu livro *As grandes Guerras da História*, quando analisa a estratégia de Hitler, no capítulo XV, tece as seguintes considerações: *"Ele (Hitler) deu, particularmente no início de suas operações, nova extensão, tanto na prática como na teoria, à estratégia de ação indireta, pois soube explorar convenientemente os campos logístico e psicológico..."* (Sublinha nossa.)

Citando Hitler, em outra passagem: *"Nossas guerras serão de fato travadas antes mesmo de serem iniciadas as operações militares."*

Ao falar sobre a origem dos conflitos: *"Na vontade humana residem a origem e a mola-mestra do conflito."* *"A força sempre pode esmagar outra força, bastando para isso que possua superioridade de poder ou de aptidão. Não pode, entretanto, esmagar idéias."* (Sublinha nossa.)

E prossegue: *"Essas (idéias), sendo inatingíveis, são invulneráveis, salvo a penetração psicológica, e isso é uma verdade que tem desapontado os partidários do emprego exclusivo da força."*

Ao admitir que Hitler soube estender seu conceito de estratégia indireta, Liddell Hart o identifica, afirmando que essa nova forma extrapola o poder militar e está situada no campo das idéias e que, portanto, seu antídoto também só pode estar situado no mesmo campo. Está o pensador inglês a referenciar

o vetor ofensivo, a **guerra psicológica**, e seu correspondente defensivo, as **ações psicológicas**.

Liddell Hart afirma que o termo "grande estratégia" seria, na verdade, a execução de uma política governamental. Com essa idéia, diz ele que ela (grande estratégia) deve *"...avaliar e fortalecer os recursos econômicos e o potencial humano das nações, a fim de suportar as forças armadas. Não deve esquecer os fatores morais, pois incentivar o espírito combativo do povo é, muitas vezes, mais importante do que possuir formas mais concretas de poder"*.

E diz mais: *"uma boa causa é, ao mesmo tempo, uma espada e um escudo"*.

Nessas afirmações, o autor sugere que as **operações psicológicas**, como os outros instrumentos disponíveis à nação, são da esfera governamental e que, sendo instrumentos, nunca devem ser esquecidos ou não utilizados. Ele é bastante claro ao afirmar que a manipulação via **ações psicológicas** é, em muitos casos, mais produtiva que a posse de outras formas de poder.

Ao perceber que as **operações psicológicas** provavelmente estão em uma esfera igual ou paralela à ação militar, ele, na verdade, está preconizando a adoção de uma política de segurança nacional que seria, em última análise, a "estratégia superior" ou "grande estratégia".

Sob o título *Nova Revisão da Terra*, o autor tece considerações quanto à necessidade de revisarmos a doutrina no tocante aos conceitos de objetivo militar, dizendo que a idéia-chave para os novos tempos é a "operação estratégica" em lugar da batalha propriamente e diz: *"O verdadeiro objetivo não é tanto a procura da batalha, mas procurar uma situação estratégica tão*

vantajosa que, se não conseguir ocasionar por si só a decisão, esta será seguramente obtida por sua continuação através de uma batalha." (Sublinha nossa.)

Nota-se que, nessa declaração, ele está a considerar outros fatores e, inclusive, as **operações psicológicas**.

É perceptível, no apóstolo da ação indireta, a visão clara de que todos os meios e, entre eles, as **operações psicológicas**, devem ser utilizados para a obtenção de uma posição favorável que gere, no conflito reinante ou iminente, uma movimentação do inimigo em conformidade com os nossos objetivos específicos.

Confirma ele ainda a necessidade de que essas ações, não militares, devem estar enquadradas em um contexto maior do que a pura estratégia, e sim subordinadas a uma política de segurança (a sua "estratégia superior").

O historiador e militar Fuller

Fuller, ao explicar o renascimento da guerra total, em sua obra *A Conduta da Guerra* utiliza vários filósofos para explicar que, primitivamente, as tribos e hoje as sociedades civilizadas usam dois tipos de moral, uma interna e outra externa.

Ele afirma, citando a obra de Herbert Spencer, *Os Princípios de Ética*: "Tribos selvagens e (...) sociedades civilizadas (...) têm tido continuamente que levar a efeito uma autodefesa externa e uma cooperação interna — antagonismo externo e amizade interna." (Sublinha nossa.)

Reforça ele essa idéia, dizendo: "Dentro da tribo, porém, o interesse comum apostado ao das outras tribos obriga seus membros

como autopreservação a se unirem. Surge, desse modo, uma diferença entre determinada tribo — o grupo interno — e as outras tribos — o grupo externo — qual seja a de que entre os membros do primeiro grupo a paz e a cooperação são essenciais..." (Sublinha nossa.)

Fuller, ao exprimir esses conceitos, demonstra filosoficamente que existe um sentimento inato que caracteriza a vontade nacional das sociedades, e que esse mesmo sentimento é o campo de atuação das **ações psicológicas**.

No capítulo "A Guerra do Povo", Fuller retoma o mesmo tema, agora, para ressaltar que Clausewitz foi um dos primeiros a notar a importância da **vontade nacional**, ou, como gosta, da **consciência tribal**. Para enfatizar, transcreve o famoso autor: "...a influência total dos habitantes de um país está longe de ser insignificante. Tudo vai melhor em nosso próprio país, desde que não encontre oposição no sentimento geral da população" e "...a espontânea cooperação do povo é sempre importantíssima".

O historiador procura, nessa homenagem, caracterizar a antevisão de Clausewitz quanto a um problema, o sentimento nacional, e à sua preparação, que só tornaram evidentes no decorrer da 1ª GM. O problema em questão é a preparação e manutenção do moral nacional via **ações psicológicas**.

Na análise que Fuller faz dos motivos que levaram a Alemanha a derrota em 1918, ele explica que as **operações psicológicas**, a quem dá o nome de "guerra pela propaganda", foram elemento crucial para a derrota alemã.

Enfaticamente, define ele: "A guerra pela propaganda é, por excelência, um instrumento democrático criado para dominar o espírito das massas. Suas finalidades são:

estimular o espírito das massas na frente interna; conquistar para sua causa o espírito das massas das nações neutras; e subverter o espírito das massas na frente interna do inimigo."

Para reforçar essa idéia, transcreve o que considera uma das revelações mais estardalosas que leu sobre o assunto "...a facilidade com que a técnica moderna e a sugestão coletiva permitem que um governo faça com que, mesmo um povo razoavelmente inteligente com tradições individuais e democráticas, acredite em tudo que ele desejar".

O autor, nessa análise, é extremamente feliz, pois, em poucas palavras, define e quantifica as operações psicológicas, dizendo os seus campos, públicos-alvos e objetivos.

Provavelmente, Fuller seja o teórico moderno que maior visão tenha tido sobre a importância das operações psicológicas, em todas as suas nuances. É possível que essa posição decorra de suas experiências como correspondente de guerra nos conflitos entre a Itália e a Etiópia e na Guerra Civil Espanhola.

A ótica ideológica de Giap

A escolha do general vietnamita, arquiteto e executor da vitória de Dien Bien Phu, é fruto da reunião de dois fatores: a necessidade de incluir, entre os teóricos, um autor cujo pensamento estivesse calcado na ideologia marxista, e de ressaltar as ações psicológicas em um contexto de estratégia

da lassidão.⁹ O General Giap personifica essas duas colocações.

O nome do segundo capítulo de sua obra é, sugestivamente, "Guerra do Povo, Exército do Povo", demonstrando, assim, algo que não fruto de seu pensamento, mas da ideologia que abraçou, e denota o contexto amplo, talvez metafísico, de que a guerra não é meramente um conflito material, mas sim um conflito total, onde irá predominar aquele que possuir mais vontade. E aí está contida a idéia de preparação, como o próprio Giap afirma, nesse mesmo capítulo: "*O trabalho político ensina, também, a correta execução dentro do exército, dos programas do governo, prega a manutenção de boas relações com a população e entre os homens da tropa e os oficiais. Visa a manter e a reforçar a combatividade, unir o patriotismo autêntico ao internacionalismo pacífico...*"

E prossegue: "*O povo é para o exército o que a água é para o peixe. Nosso exército combateu na frente de batalha, porém trabalhou também na educação do povo... Depois do retorno à paz, na qualidade de instrumento da política do governo (o exército), sua missão foi defender a revolução socialista e a edificação do socialismo no norte...*" (Sublinha nossa.)

Dessas afirmações claras, escritas para comemorar o 15º aniversário de fundação do Exército Popular do Vietnã, Giap deixa nítido seu entendimento quanto à necessidade de constantes ações psicológicas (sob todas as técnicas conhecidas) como instrumento para obter essa relação expressa como título desse capítulo de sua obra *Guerra do Povo, Exército do Povo*.

9. Lassidão — conflito prolongado de caráter total, tendo, na maioria das vezes, fraca intensidade, normalmente, à base de guerrilha, e busca obter a decisão pelo desgaste moral e cansaço material.

Nessa mesma exortação, o antigo professor de História diz: *"O oficial é amigo dos soldados, deve não só guiá-los nos seus trabalhos e estudos, como também interessar-se por suas vidas e tomar em consideração suas aspirações e iniciativas (...) O oficial do Exército Popular deve dar o exemplo sob todos os pontos de vista: mostrar-se resoluto, bravo, manter a disciplina e a democracia internas e saber realizar uma perfeita união entre seus homens."*

Apesar da doutrinação política, Giap, talvez devido à sua origem asiática, com certeza influenciado pelas doutrinas filosóficas há muito difundidas em seu continente, apresenta uma certa semelhança com o pensar do clássico chinês Sun-Tzu, pois conclama o *comandante* à cortesia e à solicitude com seus comandados, mas recomenda, também, uma férrea disciplina.

Tendo participado das guerrilhas durante o período de ocupação francesa, diz ele, acerca das **ações psicológicas** e da **lassidão**: *"A resistência de nosso povo era conduzida em todos os planos. Nós a efetuávamos não somente no plano militar como também no político-econômico e cultural (...) No plano político, no interior, era preciso educar e mobilizar ainda mais o povo, reforçar sem descanso a união nacional, repelir todas as tentativas do inimigo para enganar e dividir (...) No plano cultural, tínhamos que desenvolver a cultura da resistência, dando-lhe um caráter de massa e pondo em relevo o patriotismo e ódio ao inimigo..."*

Essas mesmas idéias, sob outras palavras, aparecem quando o mesmo fala do esforço para a vitória em Dien Bien Phu, caracterizando, assim, que ele considerou, como vital para o sucesso, a permanente

mobilização psicológica da nação, bem como a manutenção desta, devido ao tempo que esse tipo de estratégia necessita para a obtenção de resultados duradouros.

Giap, apesar de eivado de uma ideologia totalitarista, é muito feliz em demonstrar o valor de constantes **ações psicológicas** para obtermos a união da vontade nacional. Isso é fruto do tipo de guerra de que participou e, daí, a importância de seus conhecimentos nos dias atuais. Ele mostra, de forma cabal, que as **ações psicológicas** devem ser realizadas diuturnamente, quer na paz quanto na guerra. Quanto ao **comandante**, ele é bem mais clássico, pois preconiza os métodos orientais já bastante propalados.

O soldado e estadista Castello Branco

Ao discorrer sobre o problema humano na Força Expedicionária Brasileira (FEB), Castello Branco disse que o mesmo abrangia três aspectos: a instrução, a disciplina e o moral.

Quanto ao último, ao definir sua posição, afirmou: *"Num país de democracia e, como tal, de liberdade humana, o moral constitui a base democrática de qualquer grupamento. Predomina, então, um elemento espiritual e nunca místico. Tem fundamento não na ilusão das massas, na propaganda, mas na confiança que o homem deposita, individualmente, em sua causa, em seus chefes e em si próprio."*

Nessa afirmação, Castello Branco foi bastante feliz, pois uniu, de maneira direta, o soldado ao cidadão e, conseqüentemente, o moral militar ao moral nacional, dizendo ainda que o mesmo é alicerçado na causa

porque combate e no chefe que a representa. O brilhante pensador está a demonstrar que ambos podem mutuamente se influenciar e que todo o "reforço" no moral nacional irá refletir no moral militar, dando com isso respaldo às **ações psicológicas**.

Para confirmar essa assertiva, diz, em outra conferência: "O homem que serve na fileira e se transforma em combatente não é um desgarrado de sua gente e de sua terra. Depende do espírito nacional e da mentalidade do lugar de onde veio." (Sublinha nossa.)

Em conferência pronunciada em 1962, sob o título *Estratégia*, o autor, falando das "Estratégias Particulares" que, em sua definição, são subordinadas à "Estratégia Geral",¹⁰ diz que existe uma "Estratégia psicossocial", e afirma: "A *Estratégia Psicossocial procura afastar a guerra, valorizando a nação em toda as suas manifestações pertinentes ao campo que lhe é específico. Faz a guerra psicológica em caso de luta e mesmo na guerra fria. Justapõe-se intimamente às Estratégias Política e Militar.*"

Castello Branco, com essa proposição, está, em suas palavras, definindo as **operações psicológicas**, pois, valorizando a Nação, está se referindo às **ações psicológicas** e, ao falar do vetor ofensivo (**guerra psicológica**), o faz diretamente com seu componente temporal (na luta e na guerra fria).

E vai mais longe, ao definir as suas interações (íntima ligação com as Estratégias Política e Militar).

Castello Branco, no final de sua palestra expressa que: "As *normas das estratégias que procuram resolver problemas políticos, econômicos, psicossociais e militares de um Estado estão contidas no interior de uma Doutrina de Segurança Nacional...*" E prossegue: "Para isso, o estudo e a formulação de estratégia assentam-se numa conjuntura nacional e internacional em que a Nação representa o interesse supremo."

O conferencista, com essas palavras, deixa claro que comunga com Liddell Hart em que deve existir uma política governamental que congregue todos os meios do **poder nacional**, inclusive, os psicológicos para a consecução de uma Política Nacional de Segurança.

Castello Branco, guindado, por circunstâncias históricas, de soldado a estadista, teve a lúcida visão da necessidade de uma preparação constante do potencial nacional para fazer frente a uma eventual ameaça à Nação. Considerava ele que as ligações entre o **poder militar** (Forças Armadas) e o "psicológico" nacional é fator preponderante para a consecução da vitória, sobre antagonismos que teremos que fazer frente, mesmo que não militares.

QUANTO À MEMÓRIA DE OUTROS CAPITÃES

Nesta parte deste artigo, iremos, de maneira sucinta, apresentar algumas considerações contidas nas memórias de três

10. Estratégia Geral — Castello Branco diz que é geral por se lançar na consecução dos objetivos vitais e nacionais, baseada nos antagonismos internos e externos e nas hipóteses de conflito. O poder nacional é o seu instrumento principal e decisivo, e, então, é a arte de aplicá-lo na paz e na guerra.

grandes generais que tiveram a suprema honra para um militar, que é, certamente, comandar seus compatriotas em combate.

Levando em conta a facilidade de pesquisa e a representação para a humanidade, escolhemos as memórias de comandantes que atuaram nas 1ª e 2ª Guerras Mundiais (1ª e 2ª GM).

Ludendorff

O arquiteto da chamada "canas" moderna, Tannenberg,¹¹ inicia o primeiro volume de suas "Memórias de Guerra", tecendo considerações sobre o exército, a nação e o governo, de onde extraímos: "*Não se podia mais distinguir, na guerra atual, onde começava a ação do exército e da esquadra, onde terminava a do povo. Exército e nação eram um só.*

"A este (governo) cabia um segundo e grande problema da direção da guerra: conduzir o combate contra as frentes inimigas no seio da própria nação. Não devia a Alemanha utilizar este poderoso processo de guerra, cujos efeitos sentia todos os dias no seu próprio corpo? Não se devia procurar abalar o estado de alma dos povos inimigos do mesmo modo que o inimigo, infelizmente, conseguira com tanto êxito realizar entre nós? Esta luta precisava ser conduzida do interior do país, através das nações neutras e, mais tarde, atingir as várias frentes." (Sublinha nossa.)

Com a noção exata de que arma seria, Ludendorff, já em 1918, ao escrever suas

memórias, vislumbrava que parte da derrota da Alemanha tinha sido ocasionada pela guerra psicológica dos Aliados, e que isso foi facilitado pela falta de ações psicológicas por parte do governo. Todavia, o mesmo já reconhecia cabalmente (consubstanciado na primeira citação) que o povo e as forças armadas são instrumentos ligados e que se influenciam mutuamente.

Visconde Montgomery de El Alameir

O Marechal-de-Campo Bernard Law, em suas extensas memórias, sob o título "Minha Doutrina de Comando", diz: "*O moral do soldado é o maior fator singular numa guerra...*" e "*O soldado tem de ser mantido em atividade, em alerta e sempre com propósitos determinados*".

Ainda comentando o moral antes do início da batalha: "*Devem (as tropas) estar possuídas daquele ardor ofensivo e daquele otimismo contagioso que provêm do bem-estar físico. Precisam iniciar o combate com aquela luz da batalha no olhar e com o desejo definido de matar o inimigo.*"

Nessas passagens, Montgomery reconhece e identifica a importância de trabalharmos a psicologia da tropa, do soldado.

Quanto à liderança, há um fator determinante em seu pensamento. Diz ele: "*O soldado gosta de ver o comandante-em-chefe com regularidade na vanguarda, ser por ele notado ou com ele falar*"; "*Lidando com subordinados são essenciais justiça e agudo*

11. Tannenberg — aldeia da antiga Prússia Oriental, atualmente na Polônia, onde os alemães, sob o comando do Marechal Von Hindenburg, derrotaram os russos, em 26 de agosto de 1914.

senso de honestidade"; "O soldado britânico corresponde à liderança de forma bastante notável: uma vez que você lhe tenha conquistado o coração, ele o seguirá para qualquer parte"; e "Toda liderança, creio, baseia-se na qualidade espiritual..."

Os escritos de Montgomery dedicam-se mais a como obter e manter a liderança, coisa que ele achava faltar ao exército britânico, durante a 2ª GM. Não se preocupa ele, pelo menos de forma aparente, em ressaltar as ações psicológicas junto à nação, provavelmente por considerar que a "vontade nacional inglesa" já estava solidamente alicerçada no passado e nos sofrimentos da guerra. No entanto, considera que esses valores devem ser reforçados nas tropas, como vimos acima.

General George S. Patton, Jr.

Nas memórias de Patton, compiladas por seus filhos, sob o subtítulo "Reflexões e Sugestões", ele diz, acerca do soldado: "*O soldado é o exército. Nenhum exército é melhor do que os seus soldados. O soldado também é um cidadão. Na realidade, o maior dever e o mais alto privilégio da cidadania é empunhar armas pelo país (...). Para ser um bom soldado, um homem deve ser disciplinado, respeitar-se, ter amor à sua unidade e ao seu país...*" (Sublinha nossa.)

Patton, nessa profissão de fé, se assim podemos chamar, define o objetivo desejado pelas **ações psicológicas**, que é transformar o cidadão em soldado, pois, simplesmente, está armando a vontade nacional.

Quanto à liderança (presença do chefe) diz ele, nas mesmas reflexões: "*Todos os*

oficiais e, particularmente, os oficiais-generais devem se interessar profundamente por tudo aquilo que interesse os soldados." E, ainda: "*Os comandantes de corpo-de-exército e de exército devem considerar como ponto de honra o fato de poderem ser vistos pelo maior número possível de subordinados e, evidentemente, por todos os soldados combatentes.*"

Nessas pequenas afirmações, aliado ao seu espírito agressivo, Patton foi, durante as duas guerras mundiais, um comandante que soube usar as **ações psicológicas**. A sua maneira de falar e vestir, de acordo com o seu pensamento, era uma maneira de fixar a figura do comandante.

Podemos dizer, então, que Patton, além de hábil guerreiro, foi um consumado "psicólogo de combate".

Não requer muita atenção para percebermos, nas reminiscências destes velhos "cabos de guerra", a importância que todos concederam ao termo genérico moral, o qual engloba nosso assunto, como também envolve o problema da liderança e seus efeitos na arte militar.

Ludendorff, com uma certeza completa, reconhece a falta de **ações psicológicas** na Alemanha de então. Patton é enfático, ao afirmar que o soldado é um cidadão e, portanto, deve ser trabalhado psicologicamente. Montgomery preocupa-se com a liderança e recomenda que a "vontade nacional" deve ser reforçada no seio da tropa.

Pelas experiências obtidas no exercício da árdua tarefa do comando, esses cidadãos fardados perceberam, cada qual à sua maneira, e sob a influência das sociedades que o geraram, a importância das **ações psicológicas** para a obtenção da vitória.

COMPARAÇÃO DE SEMELHANÇAS E DIVERGÊNCIAS

Faz-se necessário que, à guisa de introdução a esta parte, atente-se para algumas questões. Elas iniciam no aspecto **temporal** e terminam no **semântico**.

No **temporal**, porque comparar autores que viveram em épocas distintas, alguns com mais de dois mil anos entre suas existências, requer procurar compreender o mundo em que viveram esses personagens e, conseqüentemente, penetrar no íntimo do pensamento de cada um. Quanto mais distantes estão os mesmos na escada da História, maior dificuldade temos para esse entendimento, contando que seus escritos vêm sendo sistematicamente copiados, recopiados, traduzidos e interpretados.

Penetra no aspecto **semântico**, porque a diversidade de línguas em que, originalmente, foram escritas (no nosso caso, chinês mandarim, alemão, inglês, francês, italiano arcaico, vietnamita e português) e suas traduções que, no caso de Sun-Tzu e Maquiavel, até chegarem em nossas mãos, já sofreram modernizações em sua própria língua, para, posteriormente, serem traduzidos. Continua, ainda, no aspecto semântico, quando percebemos que as palavras empregadas pelos autores mencionados possuem um significado interno (o que o mesmo queria dizer), um significado social (para quem ele escreveu) e, finalmente, o significado atual (que é fruto de quem o traduziu).

Isso posto, procuraremos comparar o pensamento desses autores para obter um consenso, naturalmente dentro da tipificação cartesiana com que nosso manual apresenta as **ações psicológicas**.

Quanto à importância das ações psicológicas

Todos os **teóricos** mencionados concedem um valor relevante às **ações psicológicas**, pois entenderam o papel decisivo que elas possuem na obtenção da vitória, quando da ocorrência de um conflito, armado ou não. Nota-se, em seus escritos, que eles vislumbraram que o conflito ultrapassa a mera administração de violência e penetra na chamada área volitiva. Alguns vão até mais longe, definindo procedimentos que devem ser adotados para tornar essa "vontade" cooperativa e consoante com os objetivos a que se propõem os que desejam empregar a violência.

Fuller, Castello Branco e Ludendorff são os que, de maneira mais clara e precisa, dissertam sobre a importância das **ações psicológicas**, bem como esboçam linhas de pensamento, isto é, processos a serem empregados para produzir efeitos favoráveis nessa área.

Clausewitz já apresentava idéia clara a respeito do assunto, pois escreveu sobre opinião pública e seus efeitos. Os outros autores não referenciam, de maneira direta, as **ações psicológicas**, mas lhe emprestam importância sob outras denominações.

Quanto à validade das técnicas

As técnicas de maior utilização aparecem nos escritos estudados sob outras designações. Os **empreendimentos governamentais**, a **comunicação social**, as **relações públicas**, a **ação de presença**, **presença do chefe**, e a **ação comunitária** são amplamente confirmadas em quase todos os

autores, pois cada um, dentro do seu enfoque, ora ressalta uma, ora mais de uma, ou até mesmo todas.

A técnica **ação de presença, presença da tropa**, é a única não mencionada pelos teóricos, possivelmente devido ao entendimento que, se não aparece nitidamente, fica subentendido de que a **presença da tropa** só é necessária para cumprir uma das técnicas mencionadas, ou para garantir a **presença do chefe**.

Após essa ressalva, pode-se afirmar que as técnicas atualmente utilizadas são efetivas e possuem embasamento histórico que lhes dá suporte.

Quanto à evolução do conceito

Existe, nos **teóricos**, através dos tempos, uma clara evolução do conceito de **ações psicológicas**. Inicialmente, ele é quase que metafísico, como sugerem os escritos de Sun-Tzu. Posteriormente, esse conceito passa para o campo prático, empírico, onde a experiência pessoal é que irá ditar normas de como proceder.

Esse empirismo é bastante visível na "geometrização" de Jomini. Através de reflexões e estudos mais acurados, ele deixa o campo experimental simples e atinge um estágio científico, onde alcança sua máxima expressão e clara identidade, como nos escritos de Liddell Hart, Fuller, Giap e Castello Branco.

Interessante é notar que, nessa evolução, o conceito manteve inalterada a sua essência, isto é, sempre teve definida sua finalidade, seu alvo e seu posicionamento.

Quanto ao público-alvo

Na **lei moral** de Sun-Tzu surge a primeira menção quanto a público-alvo para as **ações psicológicas**.

Maquiavel e Frederico, "o Grande", limitam esse público, quando dizem que as **ações psicológicas** se destinam apenas aos soldados, e não a todos os cidadãos, como já havia mencionado o clássico chinês. Entretanto, o próprio Frederico se contradiz, quando afirma que os neutros também são **público-alvo**.

A partir de Clausewitz, em consonância com suas teorias, o conceito volta a englobar todos os cidadãos e os **neutros**.

Os outros **teóricos** passam, inclusive, a explicar mais esse conceito, dizendo que esse público deve ser fim de constantes ações para procurar obter e manter neles uma atitude de cooperação. Tacitamente, também passam a aceitar a ampliação territorial do conceito, concordando que os **neutros** devem ser cooperados para a causa em questão.

Quanto à finalidade das ações psicológicas

Na leitura dos **teóricos**, vê-se que todos concordam que a finalidade das **ações psicológicas** é fortalecer o **moral nacional militar**.

Essa idéia é amplamente mencionada, caracterizando a ótima compreensão do produto final desejado.

O **moral**, sob várias denominações, é, indubitavelmente, uma das idéias mais abordadas pelos **teóricos**. Ele é posicionado como elemento fundamental de qualquer conflito. A ele, o **moral**, todos aliam as chances de

sucesso ou fracasso, quando do emprego da expressão militar do poder nacional.

Quanto à presença do chefe

A figura do comandante é alvo de inúmeros postulados por parte dos autores. Todos emitem opiniões e conselhos, bem como citam exemplos de como o comandante deve se conduzir.

Eles consideram que o comandante, com o seu modo de pensar, proceder, suas atitudes e interesses, é fator fundamental para a manutenção do moral junto ao público-alvo militar.

Os orientais afirmam que deve haver um perfeito equilíbrio entre a cortesia e a severidade por parte do comandante. Esse pensamento é compartilhado pelos escritores ocidentais mais antigos.

Os ocidentais mais modernos passam a expressar a **presença do chefe** como exercício de **liderança militar**, à qual atribuem os mesmos efeitos da **presença do chefe** vista pelos escritores mais antigos.

Todos afirmam que, com essa técnica, obtém-se mais rapidamente um elevado espírito militar, até mesmo sob condições físicas e psicológicas desfavoráveis.

Quanto às divergências

As divergências encontradas são frutos mais do enfoque dado por cada autor do que do entendimento propriamente dito do papel das **ações psicológicas** como um todo.

Nos orientais, nota-se uma tendência a procurar, através das **ações psicológicas**, obter uma uniformidade de idéias, submetendo todos a uma só vontade, que seria

a do governo. Esse pensamento, nos ocidentais, aparece em Frederico e Luddendorff, certamente fruto da formação militar teutônica recebida.

Os outros pensadores ocidentais concedem, aos cidadãos, uma maior liberdade de opiniões e idéias, desejando apenas que os mesmos, sob o efeito das **ações psicológicas**, ajam em conformidade com a vontade nacional, quanto aos métodos e procedimentos para vencer o conflito em questão.

Quanto à pergunta inicial

Pelo exposto nas comparações anteriores, é extremamente fácil responder à pergunta proposta na Introdução — *“São válidas e importantes as ações psicológicas?”*

Sim, são válidas. Porque se verifica, na leitura dos autores escolhidos, que todos consideram que o uso de processos, métodos e técnicas para fortalecer o moral nacional são relevantes e que somam de maneira ímpar para a obtenção do sucesso frente a qualquer agressão.

Sim, são importantes, pois, com o reconhecimento de que o **moral** é componente de qualquer conflito, todas as ações que busquem fortalecê-lo, são, certamente, um largo passo para a consecução da vitória.

Conseqüentemente, o questionamento formulado possui embasamento histórico e mostra-nos que as **ações psicológicas** são válidas e importantes.

CONCLUSÃO

Almejo que esta citação do eminente historiador Arnold Toynbee: *“Acredito que*

as civilizações nasceram e se puseram a crescer graças a respostas felizes, dadas a sucessivos desafios. Elas entram em colapso e se desagregam, quando tem que fazer face a um desafio diante do qual fracassam”, seja mais uma quimera entre tantas outras que não sobrevivem ao curso inexorável da carruagem da História.

Entretanto, se, em um mero exercício mental e acadêmico, possamos aceitar que o fato mencionado é passível de acontecer, válido é utilizar a História como ferramenta para obter maneiras de como antecipar-se a essa visão apocalíptica.

Se o desafio está presente com suas características expostas na Introdução, se a base histórica foi de leve descortinada neste artigo, surge, então, uma outra afirmação do mesmo autor: “A criação não é uma fácil empresa. Ela não obtém êxito definitivo a não ser através de um processo de tentativa e de erros. Por conseguinte, o fracasso das

experiências anteriores, longe de condenar as experiências seguintes a fracassarem por sua vez, oferece-lhes, pelo contrário, possibilidades de êxito, graças à sabedoria que se pode conseguir através do sofrimento.”

Unindo esta citação com as comparações realizadas anteriormente, conclui-se que as inteligentes utilizações das ações psicológicas podem minimizar a “lei das probabilidades estatísticas”, onde as chances são iguais para o acerto e para o erro.

Conseqüentemente, frente à atual conjuntura internacional, é confirmado de maneira insofismável o pensamento de que será no campo psicossocial onde se encontram as respostas para os desafios gerados por essa mesma conjuntura.

Este artigo é, portanto, uma homenagem à inteligência dos autores mencionados e, antes de tudo, um alerta quanto à atualidade do tema. □

BIBLIOGRAFIA

- ALMEIDA, Néelson O. de. *A Psicologia e um Novo Conceito de guerra*. Rio de Janeiro. Instituto Histórico-Cultural da Aeronáutica, 1991.
- AYRON, Raymond. *Paix et Guerre Entre les Nations*. 3ª ed., Paris, Calmann-Levy, 1962.
- CARDOSO, Alberto Mendes. *Os Treze Momentos — Análise da Obra de Sun-Tzu*. Rio de Janeiro, Biblioteca do Exército, 1987.
- CLAUSEWITZ, Carl Von. *Da Guerra*. Lisboa, Ed. Perspectivas e Realidades Ltda., 1979.
- . *Princípios de Guerra*. Rio de Janeiro, Biblioteca do Exército, 1987.
- CLAVELL, James. *A Arte da Guerra, Sun-Tzu*. 12ª ed. Rio de Janeiro, Editora Record, 1983.
- CLEARY, Thomas. *O Conhecimento da Arte da Guerra*. Rio de Janeiro, Editora Record, 1989.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo Dicionário da Língua Portuguesa*. 1ª ed. 9ª impressão. Rio de Janeiro, Editora Nova Fronteira, 1975.
- FREDERICO, O Grande. *A Arte da Guerra*. Rio de Janeiro, Editorial Peixoto, S.A., 1945.

- FULLER, John Frederick Charles. *A Conduta da Guerra (de 1789 aos nossos dias)*. Rio de Janeiro, Biblioteca do Exército, 1966.
- . *Batalhas Decisivas del Mundo Occidental*. Barcelona, Luís de Casalt Editor, 1961.
- GAXOTTE, Pierre. *Frederico II — O Criador da Prússia*. São Paulo, Livraria Martins, 1940.
- GIAP, Vo Ngu Yen. *O Vietnã Segundo Giap*. 2ª ed. Rio de Janeiro, Editora Saga, 1968.
- JOMINI, Antoine Henri. *A Arte da Guerra*. Rio de Janeiro, Biblioteca do Exército, 1949.
- KELLETT, Anthony. *Motivação para o Combate*. Rio de Janeiro, Biblioteca do Exército, 1987.
- KLINEBERG, Otto. *Psicologia Social*. 3ª ed. Rio de Janeiro, Editora Fundo de Cultura S.A., 1967.
- LEONARD, Rogers Ashley. *Clausewitz, Trechos de sua Obra*. Rio de Janeiro, Biblioteca do Exército, 1988.
- LIDDELL HART, Basil Henry. *As Grandes Guerras da História*. São Paulo, Instituição Brasileira de Difusão Cultural S.A., 1963.
- . *O Outro Lado da Colina*. Rio de Janeiro, Biblioteca do Exército, 1980.
- LOPEZ, Emilio Mira y. *Psicologia Militar*. Rio de Janeiro, Biblioteca do Exército, 1949.
- LUDENDORFF, E.n.d. *Minhas Memórias de Guerra*. Rio de Janeiro, Tipografia do Jornal do Commercio, 1920.
- MAQUIAVEL, Nicolau. *Comentários sobre a Primeira Década de Tito Lívio*. Brasília, Editora Universidade de Brasília, 1979.
- . *O Príncipe*. Brasília, Editora Universidade de Brasília, 1979.
- MINISTÉRIO DO EXÉRCITO, Escola de Comando e Estado-Maior do Exército. ME 124-1. *Estratégia*. Rio de Janeiro, ECEME, 1985.
- . Escola de Comando e Estado-Maior do Exército. *Marechal Castello Branco, seu pensamento Militar*. Biblioteca do Exército, 1968.
- . Estado-Maior do Exército. C 33-1. *Operações Psicológicas*. 2ª ed. Brasília, 1977.
- . Escola de Comando e Estado-Maior do Exército. ME 320-5. *Vocabulário da ECEME*. Rio de Janeiro, ECEME, 1986.
- MONTGOMERY, Bernard Law. *Memórias do Marechal Montgomery*. 2ª ed. São Paulo, Instituição Brasileira de Difusão Cultural S.A., 1967.
- MURRAY, Edward J. *Motivação e Emoção*. Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1973.
- PATTON, George S. *A Guerra que eu vi*. Rio de Janeiro, Biblioteca do Exército, 1979.
- RODRIGUES, Aroldo. *Aplicações da Psicologia Social*. Petrópolis, Editora Vozes, 1981.
- TOYNBEE, Arnold J. *Estudos da História Contemporânea*. 4ª ed. São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1976.